

Velório de moribundo

VILLAS-BÔAS CORRÊA*

Não se sabe se a boa educação e a delicadeza recomendam que se respeite, em reverente atitude de forçada compunção, ou se as circunstâncias justificam que se mandem às favas as conveniências para que, dedos enfiados na boca, a estridência da vaia marque com a brasa do apupo nacional o velório armado às pressas para as despedidas do Congresso, ainda estrebuchando em arranques de agonizante.

É preciso muito caradurismo para segurar o riso debochado ou dissimular a indignação que sobe do fundo das decepções acumuladas e não resiste à encenação mambembe da correria de última hora para uma espécie de caiação na fachada dos palácios de vidro, manchada pela reincidente malandragem, pelo roteiro sinuoso de quatro anos de mandato expirante, mais para o charco do que para a pavimentada via ensolarada.

Que raio de esforço concentrado é esse que se confina nos dois dias do meio da semana? Depois, a bagunça partidária impede qualquer tentativa bem intencionada de articular agenda de compromissos. Cada votação é uma aventura de desfecho imprevisível. Depende da resultante do feixe de interesses que amarram com a embira da improvisação em cada caso.

Dai a contrandança que não se subordina a qualquer lógica, na rebeldia permanente da incoerência.

A Câmara alterna cassações de mandatos de envolvidos nas tramóias da Comissão do Orçamento com a gratuita distribuição de atestados de inocência. Sob o agulhão do voto, aprova a lei antitruste, resgatada de longo esquecimento. Mas na mesma cadência, patrocina o show de molecagem da Comissão de Agricultura da Câmara, vaiando e agredindo com grosserias de cafajeste o ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, na cobrança pelo viés da covardia da solução aprovada pelo presidente Itamar Franco na complicada e nauseante discussão sobre as dívidas agrícolas.

O esforço não pode ser levado a sério porque é tardio e, portanto, politicamente inútil. O Congresso procura engambelar o eleitor que lhe vira as costas com agrados de testamento.

Não adianta. Este Congresso acabou, deu o que tinha que dar e não tem mais nada a fazer senão providenciar o atestado de óbito e recolher-se à cova. Se possível na maior moita, dispensando acompanhamento, pompas e coroas. Um enterro semi-clandestino, no estilo da desova policial ou dos despistes da delinquência.

A receita só reclama aviamento. Uma pitada a mais de impostura e monta-se o circo do recesso oficial para atender à urgência da caça ao voto. Enfeita-se a trampa com relatório de substância sobre as atividades da sessão legislativa e acrescenta-se o badulaque do compromisso do alerta legislativo

para atender a qualquer convocação de emergência, claro que inspirada pelo supremo interesse nacional.

seria um convite ao golpe.

Razões para a páua não faltam. Ao contrário, sobram. A última pesquisa do Ibope registra índices apavorantes. Certamente que pesquisa a mais de seis meses das urnas apenas flagra inclinações do instante. Mas quando os números xingam a rejeição das ruas, soam como prenúncio do que está a caminho. Nada menos de 67% dos consultados afirmam seu desprezo pelos partidos e prometem compor a lista do voto com nomes da escolha pessoal, indiferentes às legendas. Isso ainda não é nada. O pior vem agora: enquanto 47% respondem que votarão para presidente da República e 29% para governador, apenas a ínfima porcentagem de 8% admite votar para deputado federal e a mixaria de 3% para senador.

A pesquisa rabisca o esboço de Congresso renovado pela minoria do eleitorado, uma desqualificante minoria, com a legitimidade em frangalhos, projetando a imagem sombria do Legislativo em crise, repellido pela sociedade, sem credibilidade: não poderá altear a voz para falar em nome do povo que majoritariamente negou seu voto.

Nem a campanha presidencial conseguiu aquecer o desdenhoso alheamento popular. Não chegou a hora de mexer com a paixão do eleitor retraído, dividido entre o Lula e o anti-Lula ainda sem cara definida.

Se a chusma de pretendentes a mandatos parlamentares aspira inverter a situação vexaminosa, abrindo brecha estreita no muro da indiferença de mais de 90% do eleitorado, deve cuidar, e depressinha, da montagem de proposta de revisão profunda do Legislativo.

O modelo atual esgotou-se. Está no bagaço. Deixou escapar entre os dedos ociosos a oportunidade de ouro de modernizar-se, ousando mudanças estruturais, na falida revisão constitucional.

A chance de reabilitação do tema talvez se esconda na frieza da campanha, no nariz torcido do eleitor, da humilhação anunciada do voto recusado. O futuro Congresso precisa arranjar o que fazer, rediscutir atribuições, enxugar-se, debater a redução do seu tamanho de gigante abobalhado, armar esquema viável de sessões, com possível redução drástica das sessões legislativas.

O duro desafio da sobrevivência da instituição repele as saídas escapistas do adiamento e da simulação.

Um novo Congresso igual ao insepulto defunto, que não se pranteia e que se esquece de véspera, seria um convite ao golpe. Ou, ou o que é pior, sua manutenção consentida para efeito externo. Tal e qual recentíssima temporada de quase 21 anos. Esqueceram?

* Repórter político do JORNAL DO BRASIL

Um novo Congresso igual ao defunto